



A percepção da crise climática: evidências de conscientização e reconhecimento da ação antrópica

Brenda da Silva Brandolt | brenda.sb@aluno.ifsc.edu.br¹
Anna Beatryz Côrte Deretti | anna.d01@aluno.ifsc.edu.br²
Lara da Silva Güths | lara.sg@aluno.ifsc.edu.br³
Maria Eduarda Macelai | maria.m2009@aluno.ifsc.edu.br⁴
Nicolas Darem | nicolas.d1@aluno.ifsc.edu.br⁵
Sarah Anny Lukasinski | sarah.al@aluno.ifsc.edu.br⁶

Trabalho de Pesquisa
DT 2 - Meio Ambiente, Agroindústrias, Territórios e Sustentabilidade Socioambiental

Resumo:

Estudos revelam que as mudanças climáticas estão relacionadas com aspectos sociais e econômicos, intensificando eventos que atingem toda sociedade, especialmente populações vulneráveis. Este trabalho avalia como as pessoas percebem essa relação, a partir de entrevistas semiestruturadas cujas respostas foram organizadas em categorias focadas nas causas antrópicas e na desigualdade social. Os resultados mostram que os entrevistados reconhecem a influência humana nas mudanças climáticas, porém apresentam dificuldades em compreender essa relação de forma aprofundada. Em relação à desigualdade social, a maioria reconhece que pessoas mais pobres são mais afetadas. No entanto, ainda há dificuldade em entender que os impactos climáticos são um problema coletivo. Conclui-se que a percepção sobre mudanças climáticas é influenciada pela realidade social e econômica, havendo consciência parcial, mas limitações na compreensão de suas causas estruturais.

Palavras-chave: mudanças climáticas; desigualdade social; causa antrópica; percepções.

¹ Estudante do curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Jaraguá do Sul, Centro.

² Estudante do curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Jaraguá do Sul, Centro.

³ Estudante do curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Jaraguá do Sul, Centro.

⁴ Estudante do curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Jaraguá do Sul, Centro.

⁵ Estudante do curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Jaraguá do Sul, Centro.

⁶ Estudante do curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Jaraguá do Sul, Centro.

Introdução

Atualmente as mudanças climáticas têm se agravado cada vez mais e produzindo impactos que, muitas vezes, são compreendidos pela maioria da população apenas como “desastres naturais”. No entanto, mesmo sabendo que muitas das catástrofes recentes sejam, em certa medida, “naturais”, já se discute a influência da ação humana na intensificação dessas mudanças (Bezerra, 2023). Algumas dessas mudanças parecem menos problemáticas pois cotidianamente foram sendo assimiladas pelas pessoas como se fosse apenas alterações no clima, o que na verdade se configuram como “extremos climáticos”. Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo identificar e analisar a percepção das pessoas acerca da relação dos aspectos sociais e econômicos na mudança climática.

Fundamentação teórica

É fundamental perceber que com grandes desastres, variadas crises surgem. Crises econômicas e políticas, por exemplo, nunca se isolam numa bolha, elas se expandem, causando um efeito em cadeia “[...] de forma que a crise na economia afeta a segurança, a segurança afeta a política, a política afeta a sociedade, a sociedade afeta o indivíduo, o indivíduo afeta o ambiente e assim por diante e de forma multifacetada (Abud; Souza; Gorisch, 2024)”, onde tudo está interligado a um fator único.

Nesse cenário, as enchentes no Rio Grande do Sul servem como exemplo, resultando em uma grande perda de biodiversidade, pessoas expulsas de suas moradias, deslizamentos, mortes, entre outras perdas, todas conectadas à catástrofe⁷.

Sob essa ótica, percebe-se que tais crises e desastres não respeitam barreiras geográficas e alcançam a todos. Todavia, a pesquisa destaca que os povos mais afetados são aqueles em que a vulnerabilidade é mais evidente, apontando a existência dos “refugiados do clima”, que são pessoas de baixa renda forçadas a abandonar suas casas após alterações climáticas (Peres; Neves; Taddei, 2020).

⁷ Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1qwp3z77o#:~:text=4%20de%20maio%3A%20Mortes%20j%C3%A1,a%2055%2C%20com%2074%20desaparecidos>

Procedimentos metodológicos

A etapa inicial do trabalho se deu a partir do desenvolvimento de um questionário qualitativo com 32 perguntas desenvolvidas com base nas referências estudadas. Após, o questionário foi aplicado através de entrevistas semi-estruturadas em um grupo de pessoas próximas escolhidas. Esse formato permite flexibilidade nas respostas, pois parte de questionamentos básicos apoiados em teorias relacionadas ao tema (Manzini, 2004). As respostas foram organizadas em categorias temáticas a partir da análise das falas dos entrevistados, priorizando-se as categorias: causas antrópicas e desigualdade social.

Resultados e discussões

Nesta seção, apresentam-se os resultados, fundamentados na articulação entre os dados empíricos e o referencial teórico.

CAUSAS ANTRÓPICAS

Não há como desprezar as ações antrópicas quando o tema é a crise climática. Embora haja certa concepção entre os entrevistados acerca dos impactos climáticos e a influência humana, nota-se que subsistem inconsistências nesse conhecimento. Ao ser questionada se é possível defender a proteção ambiental e ainda o crescimento econômico, uma entrevistada respondeu:

“Boa pergunta. Eu acho que sim, mas ao mesmo tempo eu acho que não. Até porque pra ter uma economia boa acaba que vão ter empresas que vão poluir mais daí isso acaba prejudicando o meio ambiente né. E daí se ajudar o meio ambiente não vai ter uma economia tão boa.”

Observa-se que a entrevistada demonstra uma dicotomia entre a economia e o planeta, sendo que a economia e o planeta andam em conjunto. Este fato evidencia que a visão das pessoas acerca do modelo econômico atual tem seu papel negativo no impacto das mudanças climáticas, mas ao mesmo tempo é importante que haja o desenvolvimento econômico. Segundo Muniz (2010) e Costa (2016), o ser humano não se

enxerga como parte da natureza, tratando-a como algo externo. Esse pensamento ocorre devido ao hábito do ser humano se colocar como protagonista, atribuindo um papel secundário à natureza. Isso se repete no contexto das enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul, em 2024. Questionada sobre a relação entre o desastre e a ação humana, outra entrevistada afirmou:

“Acredito que os dois, porque foi chuva demais, demais mesmo, um absurdo, mais do que o normal, mas com certeza também foi influência da ação humana, porque se tivesse uma estrutura planejada para esse tipo de situação provavelmente não teria sido tão ruim, mas mesmo assim poderia ter problemas por conta da quantidade de chuva.”

A participante reconhece que a devastação foi decorrente da falta de preparo do Estado, porém, ainda afirma que os danos poderiam ter sido causados independente disso, pois o clima está “extremo”. A entrevistada estabelece relação entre a destruição da enchente e a falta de prevenção governamental, mas não associa o volume de chuva às mudanças climáticas causadas pela ação antrópica. Para Lima, Santos e Lucena (2024), eventos extremos estão profundamente conectados com a interferência humana no meio ambiente, gerada pela exploração dele.

DESIGUALDADE SOCIAL

Embora muitos entrevistados não estabeleçam relação direta entre mudanças climáticas e desigualdade social, quando questionados sobre a temática, parte deles demonstrou essa percepção, como observa-se na seguinte resposta:

“O rico não sofre tanto com as mudanças climáticas porque ele tem um recurso econômico para amenizar isso tudo. O pobre coitado não tem, né? Ele é afetado diretamente, né? Coisas corriqueiras, né? Ah, vai dormir, vai dormir no calor porque não tem condição de ter um ar condicionado e usar ar condicionado. Ou moram em barraquinhas em lugares precários? Como é que não tem conforto nenhum, né? Então os pobres com certeza são impactados muito mais.”

Nota-se que o entrevistado expressa a relação entre mudanças climáticas e desigualdade social, quando explicita que as pessoas pobres são mais afetadas. Essa resposta está em consonância com o que é discutido por Mesquita *et al.* (2019), que destacam que apenas uma pequena parcela dos entrevistados diz desconhecer sobre essa relação, não por consciência climática aprofundada, mas porque, em sua maioria,

não entendem a fundo os impactos da ação humana, e assim, sua conexão com a desigualdade. Outro entrevistado reforça essa percepção ao citar as enchentes no RS:

“Eu acho que sim. Por exemplo, uma pessoa que tem menos condições, eu acho que ela estaria à mercê muito mais do que uma pessoa com mais condições de vida. Por exemplo, agora no Rio Grande do Sul, que teve aquelas enchentes, digamos uma pessoa pobre de lá, ela estava ali à mercê, não tinha o que ela fazer, já uma pessoa rica poderia sair dali facilmente.”

Ainda que isso seja, em parte, verdade, esse raciocínio revela dificuldade em perceber que os impactos sociais causados pelas mudanças climáticas ainda continuam sendo um problema coletivo, e exigem diálogos e ações abrangendo todos os setores da sociedade.

Considerações finais

O trabalho constatou que a percepção sobre as mudanças climáticas é impactada pela realidade social e econômica dos indivíduos. Os resultados confirmaram que a maioria das pessoas têm consciência dos impactos causados pelas ações humanas, mas ainda encontram dificuldades em associar esse agravamento às formas como o modelo econômico explora a natureza de maneira ilimitada. Contudo, a maior dificuldade na coleta de dados foi a sensibilidade necessária para abordar temas latentes, como a responsabilidade dos setores mais poluentes. Também compreendemos o fruto desse trabalho como uma real integração de conhecimentos, abordando ensino, pesquisa e extensão de modo que o processo de aprendizagem ocorreu simultaneamente à realização prática da pesquisa. Por fim, o estudo atingiu seu objetivo de compreender a interpretação social sobre a crise socioambiental, além de aprimorar a capacidade analítica da equipe ao integrar conhecimento científico às respostas obtidas a partir de reflexão crítica.



REFERÊNCIAS

ABUD, Carol de Oliveira; SOUZA, Luciano Pereira de; GORISCH, Patricia Cristina Vasques de Souza. Mudança climática: uma crise previsível. **UNISANTA Law and Social Science**, Santos, v. 12, n. 1, 2023. p. 191-209. Disponível em: <https://periodicos.unisanta.br/LSS/article/view/908>. Acesso em: 12 maio 2025.

BEZERRA, Rebeca Noemi de Oliveira. Percepções ambientais da população urbana de Manaus (AM) frente às mudanças climáticas: um estudo inicial. **Revista Geonorte**, Manaus, v. 14, n. 43, 2023. p. 63-77. Disponível em: <https://doi.org/10.21170/geonorte.2023.V.14.N.43.63.77>. Acesso em: 24 mar. 2025

COSTA, Samuel. Percepção ambiental dos estudantes jovens e adultos da educação básica (Programa EJA) de escolas públicas municipais. **Revista Monografias Ambientais**, Santa Maria, v. 15, n. 1, jan./abr. 2016. p. 393-403. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236130819822>. Acesso em: 14 abr. 2025.

LIMA, José Ribamar de Farias; SANTOS, Emanuela Gonçalves dos; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de. Mudanças Climáticas e Impactos nas Populações Humanas: uma revisão. **Campo do Saber**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 68-91, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/campodosaber/article/view/745>. Acesso em: 2 maio 2026.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos**, Bauru, v. 2, 2004. p. 1-10. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acesso em: 5 maio 2025.

MESQUITA, Patrícia dos Santos; BRAZ, Vivian da Silva; MORIMURA, Michelle Midori; BURSZTYN, Marcel. Percepções de universitários sobre as mudanças climáticas e seus impactos: estudo de caso no Distrito Federal. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 25, n. 1, 2019. p. 181-198. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320190010012>. Acesso em: 31 mar. 2025.

MUNIZ, Renata Marchioreto. **Aquecimento global: uma investigação sobre as representações sociais e concepções de alunos da escola básica**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências), São Paulo, 2010. Acesso: 16 maio 2025.

PERES, Anna Paula; NEVES, Nathalia Clio Rizzo de Freitas; TADDEI, Renzo. Atitudes e percepções de gestores ambientais da Zona Costeira de SP frente às mudanças climáticas. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, São Paulo, v. 58, n. 2, 2020. p. 1-14. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.191793>. Acesso em: 31 mar. 2025.